

# Para uma crítica sociológica da filosofia moral: uma análise do papel da ética na pós-modernidade

Thiago Gomes da Silva NUNES<sup>1</sup>

∞

## RESUMO

A pós-modernidade é um período caracterizado pela absoluta relatividade de todas as instâncias da vida humana, o que inevitavelmente atingiu o âmbito ético e moral. Neste sentido, a filosofia moral não teria mais qualquer função significativa, pois o relativismo epistemológico inviabilizou todos os anseios da tradição filosófica, onde se destacou o movimento iluminista. Tendo em vista enfrentar a problemática, esta pesquisa se divide em dois momentos complementares: primeiramente, a tentativa de esclarecer os aspectos gerais que atravessam o conceito de pós-modernidade, tomando como recorte de trabalho as obras de F. Dostoiévski (1821 – 1881) e F.W. Nietzsche (1844 – 1900), pensadores que vivenciaram o rompimento com os pressupostos iluministas no século XIX; no segundo, dialogaremos com J.F. Lyotard (1924 - 1998) e Z. Bauman (1925 - 2017) na tentativa de esclarecer possíveis caminhos para a revitalização da ética no contexto pós-moderno. Para além do vislumbre possibilitado por Dostoiévski e Nietzsche em relação ao tema relativismo, Lyotard foi um marco nos estudos sobre a pós-modernidade, fornecendo-nos uma boa orientação dentro desse ambiente, sobretudo por esclarecer como a técnica e o capital assumiram o protagonismo nessa nova conjuntura histórica. Não menos importante, Bauman elaborou uma crítica bastante coerente à filosofia moral, demonstrando como a sua falência estaria ligada às pretensões universalistas que trouxe consigo ao longo da história, sugerindo que a moralidade por vir pudesse ser repensada no resgate da verdadeira noção de autonomia.

PALAVRAS-CHAVE: Pós-modernidade. Contemporaneidade. Ética. Moral. Relativismo.

## INTRODUÇÃO

É indiscutível que a ética teve um papel fundamental no percurso da história do Ocidente, permanecendo nos dias atuais enraizada tanto no vocabulário comum quanto nas discussões de âmbito acadêmico. Mas da mesma forma que a ética pode aparentar ser uma ideia óbvia para alguns, esta discussão se torna mais complexa e desafiadora quando passamos à tentativa de distinguir até onde ela se difere da moral<sup>2</sup>, qual seria a sua relação com os valores e como

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia pelo Programa Integrado Pós-Graduação UFPB-UFRN-UFPE (2015 - 2018). E-mail: thiagonunes.ufpb@gmail.com

<sup>2</sup> No geral, partindo da obra *A fundamentação da metafísica dos costumes* (1785) de Immanuel Kant (1724 – 1804), pode-se utilizar as noções ética e moral como sinônimos “não perfeitos”, mas ainda assim operantes no que diz respeito à filosofia moral (KANT, 1974, p. 203). Quando falamos de ética ou moral, no limiar, estaremos nos referindo à filosofia moral, uma área de especulação

poderíamos defini-la em termos propriamente contemporâneos. Pior ainda se entrarmos na investigação sobre o lugar que a ética tem nos dias atuais, uma vez que a *pós-modernidade*<sup>3</sup> é um período caracterizado pela absoluta relatividade epistemológica, o que inevitavelmente acaba atingindo o âmbito moral.

Usualmente, compreende-se que a contemporaneidade teve início com a *Revolução Francesa* em 1789, mas o fato é que as datas para aquilo que seria o rompimento com a modernidade variam para cada ramificação acadêmica, ao passo que o período mencionado se aplica mais à historiografia. No âmbito filosófico não há um consenso em relação ao que teria sido o início da contemporaneidade, adotando-se como referência para tal eclosão as obras de Karl Marx (1808 – 1883), Friedrich W. Nietzsche (1844 – 1900) e Sigmund Freud (1856 – 1939); dando um paço atrás, talvez as obras de Immanuel Kant (1724 – 1804) e G.W.F. Hegel (1770 – 1831)<sup>4</sup> sejam as antecedentes desse processo.

No caso da sociologia, a admissão do rompimento com a modernidade só foi colocada em pauta na segunda metade do século XX, o pós-guerra (DORTIER, 2010, p. 418), com a obra Jean-François Lyotard (1924 – 1998). Tendo publicado em 1979 um conjunto de ensaios críticos sob o título de *A condição pós-moderna*, Lyotard admitiu que a respectiva definição já era usada por sociólogos e críticos do continente americano antes mesmo dessa sua publicação (LYOTARD, 2013, p. XV). Ainda assim, a definição mais adequada para o advento em questão – a pós-modernidade – também não é um tópico pacífico no âmbito sociológico, já que os pesquisadores discordam sobre o que de fato caracterizaria o nosso tempo; ao exemplo maior de Zygmunt Bauman (1925 – 2017), que nega o fim da modernidade propriamente dita.

Sendo assim, o contemporâneo é um conceito que pode designar [a] o estado atual das coisas, [b] o ápice da modernidade ou ainda [c] a própria antonímia daquilo que é considerado retrógrado e atrasado (HOUAISS, 2009, p. 534). Várias seriam as características da contemporaneidade, mas teoricamente a principal delas seria a superação da própria *modernidade*, um período fortemente marcado pelo movimento iluminista e, por isso, essencialmente racionalista, onde

---

baseada na tentativa de esclarecimento daquilo que seria a boa conduta, o que Kant entendia pela noção universal de dever”. Mas se por um lado esse filósofo equivalera essas duas ideias, no geral pode-se considerar que a ética é uma percepção racionalizada – e as vezes reformulada – da própria moralidade. Mas uma vez que o termo latino *moralis* (DICIONÁRIO PORT-LAT, 2012, p. 306) apontava para a ideia do costume, enquanto o termo grego *ethos* (DICIONÁRIO GREG-PORT, 2010, p. 485) infere a ideia do bom costume ou do costume superior, a ação ética nem se alinha aos costumes de uma sociedade.

<sup>3</sup> *Pós-modernidade*, *contemporaneidade*, *modernidade líquida* ou *época da informação* são definições que podem assumir o caráter de sinônimos com vistas à designação de um mesmo contexto: o mundo regido pelo dinamismo tecnocrático e informacional que se abriu no século XIX, mas que tomara forma especialmente no século XX. Definitivamente não há consenso em relação a essa ideia, ainda assim, tomamos a liberdade de utilizar dos dois primeiros termos anteriormente apresentados.

<sup>4</sup> Para tanto, pode-se conferir o conjunto de obra *História da Filosofia: De Nietzsche à Escola de Frankfurt* – Volume 6 de Giovanni Reale.

o homem passou a ser entendido como o centro propagador de todas as instâncias sociais, ao exemplo maior da religião, da política e da própria ética (Ibidem, p. 1304). Com a superação da modernidade, deu-se a abdicação das pretensões de racionalização dessas instâncias, na medida em que o relativismo emergiu como o princípio epistemológico de maior dimensão na atualidade.

É neste sentido que a filosofia moral não teria mais qualquer função significativa na atualidade, devido que o relativismo epistemológico inviabilizou [retorico-politicamente] a prática de seus anseios (BAUMAN, 2016, p. 9), mas também, porque a ética não conseguiria mais ultrapassar o âmbito acadêmico, muito menos ir além do vocabulário corriqueiro que lhe conferiu cotidianamente o apelo de um simples “bom senso”. Contudo, é preciso atentar para o fato de que alguns teóricos se negaram a abdicar da ética enquanto tal, dedicando-se à tentativa de revitalizá-la, sem se limitarem a discussões vazias que não levem em conta a realidade pós-moderna.

Este foi o caso de Bauman, sociólogo que dedicou grande parte de sua vida ao estudo crítico do mundo contemporâneo, onde se destaca a obra *Ética pós-moderna* (1993), um livro que carrega consigo *insights* que o colocam acima da média das publicações posteriores do autor. Para o nosso estudo ressaltamos a maturidade com que o autor trata do tema “pós-modernidade”, mas ainda o diálogo que estabelece com a tradição filosófica, atrelando-a com um estudo muito preciso dos fatores que inviabilizaram a ética ocidental – enquanto projeto clássico da história do pensamento ocidental – o que o leva a propor uma solução mais realista quando comparada aos demais na área em questão.

No mais, este artigo se subdividirá em dois momentos complementares: [1º] a tentativa de esclarecer os aspectos gerais que atestam a ideia da pós-modernidade, partindo de importantes pensadores que pareciam prever o advento do rompimento com a modernidade; [2º] a tentativa de esclarecimento de possíveis caminhos para a revitalização da ética no mundo pós-moderno. Desde já, é preciso deixar claro que é impossível oferecer uma fórmula de resolução para essa problemática, pois tanto a ética quanto a própria pós-modernidade são conceitos extremamente complexos, e que se tornaram ainda mais desafiadores ao se correlacionarem.

## 1. VISLUMBRES DO MUNDO PÓS-MODERNO

Antes de adentrar as contribuições da sociologia para o estudo da ética na contemporaneidade, faz-se necessário esclarecer o próprio conceito de contemporaneidade, atentando para as consequências práticas dessa realidade histórico-epistemológica. Para tanto, destacamos inicialmente um autor que pareceu antecipar muito do que viria a acontecer nos séculos posteriores à modernidade europeia: Fiodor Dostoiévski (1821-1881); literato russo que trabalhou profundamente com as consequências do que entendeu ser o “ateísmo

absoluto” que emergiria nos novos tempos. Dostoiévski é um caso curioso, sobretudo porque participou ativamente de círculos intelectuais de caráter progressista proibidos pelo governo monárquico da sua época. Quando foi pego em flagrante pelo “delito”, acabou sendo condenado à morte pela justiça; porém, a sentença acabaria convertida em trabalhos forçados na Sibéria um minuto antes da execução, evento impactou toda a sua obra de maturidade.

Foi por causa disso que, de um intelectual alinhado aos movimentos socialistas do século XIX – no que poderíamos definir como um “otimista político” – Dostoiévski passou a ser simpático ao ideário religioso cristão, adotando uma postura crítica aos movimentos progressistas e assumindo um certo conservadorismo filosófico. N’*Os irmãos Karamazov* (1879) o autor legou à posteridade um prognóstico intelectual munido de pessimismo, especialmente no que diz respeito às consequências da chamada pós-modernidade<sup>5</sup>. Sobre isso, podemos conferir a passagem onde um dos seus personagens declara:

O irmão Ivan é uma esfinge e cala, está sempre calado. Já a mim, Deus tortura. Não faz senão torturar. Mas e se Ele não existir? E se Rakítin tiver razão, ao dizer que isso é um artifício humano? Magnífico! Só que, como ele será um virtuoso sem Deus? É um problema! Sempre bato nessa tecla. Porque quem ele, o homem, haverá de amar? A quem será grato, em louvor de quem cantará seu hino? [...] Fatuidade! Ivan não tem Deus. Tem ideia. Isso está acima de minha compreensão. Mas ele cala. (DOSTOIÉVSKI, 2008b, p. 770)

O recorte é apenas um entre inúmeros onde Dostoiévski antevê as possíveis consequências da “morte de Deus”, isto é: o ateísmo em emergência no mundo pós-moderno. Lembremos que no século XIX, em decorrência não só das revoluções políticas iniciadas no final do século anterior, mas também por causa das conflagrações industrial e científica, o ateísmo ganhou grandes proporções, ao ponto de que muitos intelectuais previram o desaparecimento completo da religião.

A obra de Dostoiévski é paradigmática, pois foi um marco na suspeita em relação ao otimismo científico e à percepção dos limites do progresso histórico, tão representados pelo *espírito absoluto* hegeliano. O raciocínio do literato russo é relativamente simples, entendendo que aquilo que sempre deu sustento à moral, no limiar, à ética, foi a ideário religioso. Vejamos que as noções de “dever” e “bem agir” podem angariar contribuições significativas da argumentação lógica ou de experimentos científicos; mas no final das contas, aquilo concede plena sustentação à intuição moral é um composto de fatores radicalmente inacessíveis à razão iluminista.

---

<sup>5</sup> Por mais que Dostoiévski passe longe de utilizar esse termo, dado que no século XIX tudo que acontecia no âmbito político, filosófico ou científico ainda era encarado sob o prisma da modernidade, já que a ideia de pós-modernidade ou contemporaneidade só viria a ser cunhado na segunda metade do século XX.

Definitivamente, o principal tema d'*Os irmãos Karamazov* era o parricídio, algo que se for analisado sob o ponto de vista metafórico, faz referência à morte de Deus pelas mãos do homem moderno. É por isso que ao conectar o parricídio histórico – a queda da religião – à tragédia que se dá no âmbito da família Karamazov, Dostoiévski nos leva a pensar duas vezes sobre o lugar que a moral/ética terá em um futuro desprovido de qualquer orientação religiosa. Afinal de contas, a razão poderia estar conduzindo o homem de forma inconsequente, como concluiriam os pensadores da *Escola de Frankfurt* no século posterior. Isto porque sem um panorama metafísico que lhe seja imperativo e antecedente – o esquema metafórico/alegórico perpetuado pelas narrativas religiosas – deveríamos nos perguntar: o que haveríamos de respeitar? Mas ainda, por que deveríamos respeitar? A partir de que e com que finalidades?

É por isso que usualmente a fórmula retirada d'*Os irmãos Karamazov* é a de que “a inexistência divina leva a absoluta permissividade”, o que significa falar que o assassinato arbitrário, a tortura, o estupro, o sequestro ou qualquer outro crime nefasto deixariam ser condenáveis moralmente, pelo menos *a priori*; lembrando que o próprio direito retira muitas de suas diretrizes da moral comum, o que poderia incorrer em outros problemas. Com a modernidade, ideais que por muito tempo foram inquestionáveis passaram a ser objeto não só de suspeita, mas de total revogação legal. Mas o que Dostoiévski nos leva a perceber é que a moral – nossas noções intuitivas de bem e mal – pode simplesmente deixar de se fazer valer, sendo o seu prognóstico no mínimo pessimista: um futuro regido pela mais baixa arbitrariedade i-moral.

Dostoiévski pode não ter falado explicitamente sobre a pós-modernidade, mas outro pensador de destaque para o nosso estudo se inspirou profundamente no literato russo: F.W. Nietzsche. Tendo sido um dos grandes responsáveis pelo rompimento com os pressupostos modernos, Nietzsche assimilou muito da literatura russa, sendo esta a sua provável fonte do conceito de *niilismo*, termo que deriva do latim *nihil*, que significa “nada” ou nulidade (DICIONÁRIO PORT-LAT, 2012, p. 319); enquanto sua extensão – niilismo – se refere ao processo de “nadificação” que atingiu todas as esferas da sociedade com a modernização. O foco dos estudos nietzschianos foi similar ao de Dostoiévski, mas ao contrário deste, Nietzsche não flertou com o conservadorismo. Numa clássica passagem 1887, mais precisamente o fragmento póstumo 11 [99], o filósofo diria:

Niilismo é conscientização da longa dissipação de força, a agonia do “em vão”, a insegurança, a falta de oportunidade de descansar, de ainda se aquietar quanto a alguma coisa – a vergonha diante de si mesmo, como se tivéssemos nos enganado por um tempo longo demais... Esse sentido poderia ter sido: a “realização” de um cânone ético supremo em todo acontecimento, a ordem ética do mundo; ou o acréscimo do amor e da harmonia no trânsito entre seres; ou a aproximação de um estado de felicidade geral; ou mesmo o arrependimento direto para um estado de nada – uma meta é sempre ainda um sentido. O que há de comum em todos esses tipos de representação é o fato de algo dever ser alcançado

por meio do próprio processo – e, então, compreende-se que com o devir nada é obtido, nada é alcançado... Ou seja, a desilusão quanto a uma suposta meta do devir como causa do niilismo [...] (NIETZSCHE, 2012, p. 36)

A ideia inferida por Nietzsche é a de que a modernização levou o homem a admitir a absoluta “falta de sentido” de todas as coisas. Ou seja: se por muito tempo a religião, mas também a ciência e a própria filosofia sustentaram que a vida teria um sentido transcende (Deus, a Verdade, o Bem ou o Paraíso) que se sobrepõe à esfera individual (subjativa), com a modernidade tudo isso foi por água abaixo. Esse engano milenar levou o Ocidente a uma reação em cadeia contra toda e qualquer hipótese metafísica, literalmente mergulhando num ceticismo processual que acabara arrastando consigo a própria ética. Como poderíamos sustentar a realização de um “cânone ético supremo em todo acontecimento” se no final das contas a única coisa constatável é a falta de sentido da existência, ou ainda, como justificar o bem agir, se nada atesta o valor apriorístico da boa conduta?

A equivalência estabelecida entre as noções de sentido e meta é basilar para a compreensão desse raciocínio, pois se a ciência moderna confirmou que a vida é desprovida de qualquer sentido – em termos metafísicos – isso implica dizer que o cosmos não possui qualquer ordenamento predefinido que oriente seu ciclo; não haveria, portanto, “evolução” na história humana ou no próprio homem. A ideia frisada por Nietzsche é a de que a vida, especialmente a vida humana, não tem qualquer finalidade maior que a coloque acima dos demais seres. Se a existência é um eterno *vir a ser* (*Devir*), nada há no mundo que não se resuma ao simples movimento do cosmos; um movimento sem finalidades maiores, sem sentido, sem qualquer ordem preestabelecida que o oriente, mas apenas movimento gratuito sem prazo para findar.

Uma questão que vai se abrir com a maturidade dos escritos nietzschianos é o lugar que a moralidade terá no futuro, afinal, se algo conduziu a ética desde o mundo antigo, tal fator foi suposição de uma ordem transcendente/metafísica ou um estado de felicidade plena que poderia ser atingido por meio de uma vida digna. Com a modernidade, toda hipótese de um estado de plenitude social acabou se desfazendo, ficando a ética à mercê do simples arbítrio individual; a ética perdeu, assim, a sua principal fonte sustentação retórica: a ideia de um mundo melhor ou a suposição de uma recompensa final para a vida de sacrifícios.

O fato é que Nietzsche acabou prevendo muitos dos desdobramentos da pós-modernidade, no entanto o que nos basta agora é ver que a ideia de um “estado de espírito pós-moderno” tem suas raízes cravadas no processo de modernização que se deu especialmente no século XIX. O que está em questão agora é o lugar da ética em um mundo onde a religião perdeu a autoridade absoluta; o problema enfrentado é como justificar a moralidade em uma época onde o ateísmo parece reinar, ou pelo menos teoricamente, dado que neste

contexto só os processos tecnocráticos ditam o destino da humanidade. Diante do problema, Dostoiévski deu um passo atrás ao desconfiar das tendências progressistas, enquanto Nietzsche acabou propondo um “mergulho artístico” no niilismo. Independente disso, vejamos como a sociologia contemporânea encarou o problema ao dialogar com a ética filosófica.

## 2. SOBRE O VALOR E A VIDA NA CONTEMPORANEIDADE

Até agora a definição de contemporaneidade não foi totalmente elucidada, e pode-se especular que essa ideia continue sendo um enigma conceitual durante um bom tempo. Sabemos que um dos fatores que levaram ao rompimento com a modernidade filosófica foi o progresso tecnológico, como também as tendências progressistas em âmbito social e político e o longo desenvolvimento intelectual ligado direta ou indiretamente à tradição iluminista. Mas se por um lado a ruptura com a modernidade foi tomando corpo paulatinamente no século XIX, tudo o que veio posteriormente só foi objeto de investigação na segunda metade do século XX. Antes disso, acreditava-se tacitamente que vivíamos na plena modernidade, convicção que seria abalada pela eclosão das duas grandes guerras mundiais.

Como dissemos, Lyotard foi um dos primeiros a trabalhar a ideia da pós-modernidade, lançando as sementes daquilo que seria conhecido por estudos contemporâneos<sup>6</sup>. Ele esclarece que um dos vários aspectos desse período foi a mercantilização informacional que se tornou a base da manutenção do poder, como uma guinada na lógica industrial moderna, ligada ao velho expansionismo colonial. A pós-modernidade adotou uma nova forma de lidar com a manutenção da instância político-econômica, assumindo um tipo de “colonização epistemológica” como a base da perpetuação do poder ocidental (2013, p. 5). As lutas que antes se destinavam à conquista territorial, agora passavam para questões de poder, no sentido teórico da palavra.

Outra característica importante destacada por Lyotard é o valor do próprio conhecimento, pois se os regimes antigos privilegiavam a formação/educação pelo seu valor “em si”, tudo muda radicalmente num contexto onde reina o relativismo (Ibidem, p. 7). O entendimento de que os valores não teriam qualquer fundamento apriorístico levou ao descrédito da formação tradicional, tendo por consequência o privilégio do conhecimento segundo as “redes de moeda”, ou seja: “conhecimentos de pagamento/conhecimentos de investimento” (Ibidem). Em

---

<sup>6</sup> Seria errôneo concluir que Lyotard foi o primeiro a investigar o contemporâneo, em razão de que essa ideia já estava pressuposta muito tempo antes, ao exemplo de Dostoiévski e Nietzsche. Mas o fato é que Lyotard lançou ao tabuleiro um conceito que era utilizado quase informalmente pela sociologia na época, o que lhe confere o mérito de precursor de uma área de estudo. Foi posteriormente a ele que muitos outros filósofos e sociólogos vieram a tratar explicitamente do tema, entre os quais destacamos: Michel Foucault (1926 – 1984), Gilles Deleuze (1925 – 1995), Gianterio Vattimo (1936) e Giorgio Agamben (1942), entre outros.

suma, uma “formação” em prol do desempenho econômico, em detrimento dos projetos formativos clássicos, que se enraizavam numa dada conjuntura moral.

A verdade é que o relativismo epistemológico serviu mais para dismantelar as pretensões ditatoriais de certos movimentos políticos e religiosos – o que Bauman afirmou ser um “processo de libertação dos últimos vestígios de opressivos ‘deveres infinitos’, ‘mandamentos’ e ‘obrigações’ absolutos” (2016, p. 9) – enquanto a técnica se expandiu ilimitadamente sem qualquer problema. A principal consequência desse longo encadeamento histórico é que o conhecimento dos “novos tempos” privilegiará o fator pragmático, tendo seu sentido cravado no ciclo motor do capital econômico; conseqüentemente, todos os conhecimentos que não atendam ao critério prático-econômico acabarão sendo descartados.

Neste sentido, Bauman nos oferece um contributo significativo, uma vez que não se limita a diagnosticar o lugar da moral do mundo pós-moderno, partindo das características dessa nova conjuntura com o objetivo de prescrever uma possibilidade de solução. Percebe-se essa intenção logo no início da obra *Ética pós-moderna*, onde Bauman demonstra compreender que no limiar daquilo que foi entendido por modernidade, as antigas fórmulas do bem agir apareciam mais como uma imensa “alameda cega” sem qualquer grande respalde social. E ainda que os novos tempos revelassem uma infinidade de possibilidades nunca antes vistas (Ibidem, p.8), essa “turva liberdade” assumiu um caráter anárquico e nada construtivo no âmbito moral.

O sociólogo adota uma concepção bastante objetiva de contemporaneidade, quando afirma o seguinte: “A ‘perspectiva pós-moderna’, [...] significa sobretudo o rasgamento da máscara das ilusões; o reconhecimento de certas pretensões como falsas e de certos objetivos como inatingíveis, e nem, por isso mesmo, desejáveis” (Ibidem, p. 10). Uma definição consonante com aquela geralmente adotada pelo pensamento filosófico, por mais que pensadores atuais como Gianni Vattimo (1936) enfatizem aspectos distintos do que acreditava ser o pós-moderno quando declara: “eu considero, pelo contrário, que o termo pós-moderno tem um sentido; e que este sentido está ligado ao facto da sociedade em que vivemos ser uma sociedade de comunicação generalizada, a sociedade dos *mass media*” (1992, p. 7); ou seja, o conjunto de meios de comunicação dos novos tempos.

Voltando à obra de Bauman, o sociólogo argumentará que tratar com responsabilidade da ética, significa abandonar a forma “moderna” de se trabalhar o tema (2016, p. 10), o que implica dizer que, no estado de relatividade, a última coisa que deveríamos fazer é encarar a moral sob o ponto de vista de um ditame universal sujeito ao balanceamento lógico. Isto é, antes de se rejeitar a ética enquanto projeto universal, o que precisamos entender é que aquilo que se tornou insuficiente não foi a moral em si, mas sim a forma “moderna” de lidar com as problemáticas morais, afinal de contas, o que constatamos foi justamente a incapacidade da razão para trabalhos do tipo. Não é mais possível nem desejável, portanto, conceber uma moral universalista, pois esse pressuposto foi o erro

central de um século que quase afundou em duas grandes guerras mundiais, muito por causa da insuficiência desses projetos.

Quando entendemos que a modernidade se sustentou na possibilidade de se alcançar “um código *ético não ambivalente e não aporético*” por meio do simples e unilateral exercício da racionalidade, a pós-modernidade significou justamente que “os longos e sérios esforços da modernidade foram enganosos, foram empreendidos sob falsas pretensões, e são destinados a terminar – mais cedo ou mais tarde o seu curso” (Ibidem, p. 19). Para Bauman, a resposta por trás dessa falha estaria na própria existência humana, porque é nela reside o equívoco fundamental, como dirá: “a ambivalência reside no coração da ‘primeira cena’ do humano face a face”, além de que todas as instituições sociais acabariam encontrando nessa ambivalência “o seu material de construção, dando o melhor de si para purificá-lo de seu pecado original” (Ibidem, p. 20). Levando em conta essa “complexidade” tipicamente humana, uma moralidade não ambivalente foi uma ilusão que custou caro, revelando-se no período nesta miríade valorativa que beira o anarquismo.

O que seria, portanto, necessário para se repensar a ética no contexto atual? Bauman argumentará que se os fenômenos morais são de ordem estritamente irracional, será preciso que a ética não assuma a forma de esquemas que precedem a consideração de propósitos e cálculos de ganhos e perdas (Ibidem, p. 21). Além de torpe, essa prerrogativa é insuficiente porque não atende à factualidade humana, a sua complexidade histórica e individual. Durante muito tempo os projetos universalistas teriam encoberto aquilo que seria propriamente “moral” na moralidade, substituindo a *autonomia* pela *heteronomia*, ou seja: a consciência pela obediência tácita a um dito “dever”, que na verdade seria a face distante da ordem estabelecida (direito); substituindo, assim, o conhecimento pelas regras, o eu moral – responsável pelo outro – pela responsabilidade com um código de leis em vigor, em suma: a própria responsabilidade pelos legisladores (Ibidem), deformando a noção de autonomia na sua máxima potencialidade.

Do que nos valeria a moral? Bem, se continuarmos tentando seguir as orientações racionalistas da modernidade, a resposta será: “para nada”. Contudo, se buscarmos identificar o que há de genuíno na contemporaneidade, podemos afirmar que a ética ainda é possível como uma guinada na própria tradição filosófica, isto é: uma reviravolta nas pretensões de universalização da moral – no sentido racionalista da palavra – e a sua tendência a rejeitar ambiguidades.

Por fim, a proposta de Bauman é passar assumir a moralidade na sua condição *aporética*, pois apenas uma quantidade ínfima de ações podem ser entendidas como boas em si mesmas ou desprovidas de ambiguidades (Ibidem, p. 22). A imensa maioria das escolhas – em especial aquelas fortemente ligadas à moralidade – aparecem em meio a impulsos contraditórios, e ainda por cima levam consigo consequências que devem ser objeto de análise. Mesmo os mais nobres impulsos carregam consigo extremos que lhes corrompem, ao exemplo do

sendo de proteção que pode transformar no cerceamento da liberdade alheia, ou o próprio amor se traduzir na possessividade passional, ou seja: não existiria ética se a certeza sobre as ações a se adotar não estivesse em questão, visto que o agente moral age em meio à absoluta ambivalência que ronda as ações e intenções humanas.

Em suma, Bauman não nos oferece uma fórmula de resolução ética à moda antiga, mas demonstra que a sua “falência” se relacionada diretamente com o modo de se tratar o tema. Sendo assim, a ética teria morrido enquanto tradição filosófica por não se adaptar às nuances da atualidade, e a insistência da academia em se falar desse tema nos termos da tradição, significa apenas que a filosofia moral não teria qualquer força para ultrapassar as discussões acadêmicas. Mas Bauman de certa forma aponta para um caminho para se repensar a ética para além da tradição filosófica, abstendo-se das prerrogativas universalistas e racionalizadoras da velha modernidade, por atentar para a complexidade do mundo pós-moderno, mas além de tudo, para as ambiguidades humanas.

## CONCLUSÃO

No decorrer desta pesquisa buscamos esclarecer qual é o lugar da ética no contexto contemporâneo, partindo do diálogo com alguns pensadores de fundamental importância para o estudo do tema. Primeiramente, foi necessário lançar um pequeno vislumbre do que significaria a pós-modernidade – o rompimento com a modernidade epistemológica – e depois esclarecer quais as implicações desse processo na forma contemporânea de lidar com o conhecimento; por consequência, as implicações da respectiva discussão para a educação.

Para tanto, as contribuições de Dostoiévski e Nietzsche são importantíssimas, já que se apresentam como antevistas paradigmáticas dos novos tempos. Tanto um quanto o outro compreenderam que algo de novo nascia no século XIX, e por mais que isso tenha passado despercebido à maioria das pessoas, posto que o rompimento com a modernidade só veio a ser objeto efetivo de estudo no pós-guerra, os dois intelectuais em questão são referências indispensáveis no estudo do impacto relativismo nos novos tempos.

No século XX, vimos que Lyotard foi o precursor nos estudos de uma nova conjuntura social em pleno processo de esclarecimento. Enquanto Dostoiévski e Nietzsche enfatizaram a queda dos valores supremos e as consequências e possibilidades desse advento, Lyotard estudará o fenômeno a partir daquilo que lhe seria basilar: o processo técnico. Definitivamente ele tinha em vista que aquilo que denominamos hoje por “técnica” é a síntese de entendimentos de dois fenômenos confluentes: o avanço tecnológico e a excessiva industrialização que ronda a vida humana. A hegemonia da “tecnocracia” estaria por trás de todas as mazelas epistemológicas, inclusive as do âmbito educacional, e por consequência,

moral, afinal de contas, do que nos valeria um conhecimento sem finalidades prático-econômicas?

Por fim, Bauman é de longe o mais experiente estudioso no tema, uma vez que literalmente vivenciou e dedicou toda a vida ao estudo desse processo. Para Bauman, a falência da ética no contexto pós-moderno se deu pela inviabilidade dos pressupostos racionalistas da tradição filosófica, estes que seriam naturalmente descartados pela própria natureza humana, por mais que também enfatize o papel desagregador impulsionado pela técnica. O sociólogo sugere que a ética deva ser repensada nos termos da própria contemporaneidade, isto é: admitindo-se as contradições humanas, o caráter quase “aporético” da moral, e investindo pesado no verdadeiro sentido da palavra autonomia, ao contrário de tudo aquilo que a modernidade teria elaborado até agora.

## Towards a sociological critique of moral philosophy: an analysis of the role of post modernity ethics

∞

### ABSTRACT

Postmodernity is a period characterized by the absolute relativity of all instances of human life, which inevitably reached the ethical and moral realm. In this sense, moral philosophy would no longer have any significant function, since epistemological relativism pass all the yearnings of the unfeasible philosophical tradition, where the Enlightenment movement stood out. In order to address the problem, this research is divided into two complementary moments: first, the attempt to clarify the general aspects that cross the concept of postmodernity, taking as snippet the works of F. Dostoevsky (1821 - 1881). and FW Nietzsche (1844 - 1900), thinkers who experienced the break with the Enlightenment assumptions in the nineteenth century; In the second, we will talk to J.F. Lyotard (1924 - 1998) and Z. Bauman (1925 - 2017) in an attempt to clarify possible ways to revitalize ethics in the postmodern context. Beyond the glimpse made possible by Dostoevsky and Nietzsche in relation to the theme of relativism, Lyotard was a milestone in the studies of postmodernity, providing us with a good orientation within this environment, especially for clarifying how technique and capital took the lead in this. new historical conjuncture. No less important, Bauman made a fairly coherent critique of moral philosophy, demonstrating how his bankruptcy would be linked to the universalist claims has brought with throughout history, suggesting that coming morality could be rethought in the rescue of the true notion of autonomy.

**KEYWORDS:** Postmodernity. Contemporaneity. Ethic. Moral. Relativism.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução de Alfredo Bosi. São Paulo – SP: Martins Fontes, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. **Ética pós-moderna**. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo – SP: Ed. Paulus, 2016.
- PORT-LAT, Dicionário. **Dicionários Acadêmicos**. Porto – PT: Ed. Porto, 2012.
- GREG-PORT, Dicionário. **Dicionário Editora**. Porto – PT: Ed. Porto, 2010.
- DORTIER, Jean-François. **Dicionário de ciências humanas**. Tradução de Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo – SP: Ed. Martins Fontes, 2010.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Os Irmãos Karamázov Vol. I**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo – SP: Ed. 34, 2008a.
- \_\_\_\_\_. **Os Irmãos Karamázov Vol. II**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo – SP: Ed. 34, 2008b.
- HOUAISS, Antônio. **Dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro – RJ: Ed. Houaiss e Ed. Objetiva, 2009.
- LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Tradução de Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro – RJ: Ed. José Olympio, 2013.
- KANT, Immanuel. **A fundamentação da metafísica dos costumes**. Tradução de Paulo Quintela. São Paulo – SP: Ed. Abril, 1974.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhem. **Fragments póstumos 1885 – 1887**. VI. Trad. de de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro – RJ: Ed. Egn/Forense Universitária, 2013a.
- REALE, Giovanni. **História da Filosofia: De Nietzsche à Escola de Frankfurt – Volume 6**. 2º Ed. São Paulo – SP: Ed. Paulus, 2008.
- VATTIMO, Gianni. **A sociedade transparente**. Lisboa – PT: Ed. Relógio d'água, 1992.